

DOMINGO II DA QUARESMA

CIC 554-556, 568: a Transfiguração

554 A partir do dia em que Pedro confessou que Jesus era o Cristo, Filho do Deus vivo, o Mestre «começou a explicar aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e lá sofrer [...], que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia» (Mt 16, 21). Pedro rejeita este anúncio¹ e os outros também não o entendem². É neste contexto que se situa o episódio misterioso da transfiguração de Jesus³, no cimo duma alta montanha, perante três testemunhas por Ele escolhidas: Pedro, Tiago e João. O rosto e as vestes de Jesus tornaram-se fulgurantes de luz. Moisés e Elias aparecem, «e falam da sua morte, que ia consumir-se em Jerusalém» (Lc 9, 31). Uma nuvem envolve-os e uma voz do céu diz: «Este é o meu Filho predilecto: escutai-O» (Lc 9, 35).

555 Por um momento, Jesus mostra a sua glória divina, confirmando assim a confissão de Pedro. Mostra também que, para «entrar na sua glória» (Lc 24, 26), tem de passar pela cruz em Jerusalém. Moisés e Elias tinham visto a glória de Deus sobre a montanha; a Lei e os Profetas tinham anunciado os sofrimentos do Messias⁴. A paixão de Jesus é da vontade do Pai: o Filho age como Servo de Deus⁵. A nuvem indica a presença do Espírito Santo: «*Tota Trinitas apparuit: Pater in voce; Filius in homine; Spiritus in nube clara* – Apareceu toda a Trindade: o Pai na voz; o Filho na humanidade; o Espírito Santo na nuvem luminosa»⁶:

«Transfiguraste-Te sobre a montanha e, na medida em que disso eram capazes, os teus discípulos contemplaram a tua glória, ó Cristo Deus; para que, quando Te vissem crucificado, compreendessem que a tua paixão era voluntária, e anunciassem ao mundo que Tu és verdadeiramente a irradiação do Pai»⁷.

556 No limiar da vida pública, o baptismo; no limiar da Páscoa, a transfiguração. Pelo baptismo de Jesus «*declaratum fuit mysterium primae regenerationis* – foi declarado o mistério da (nossa) primeira regeneração» – o nosso Baptismo; e a transfiguração «*est sacramentum secundae regenerationis* – é o sacramento da (nossa) segunda regeneração» – a nossa própria ressurreição⁸. Desde agora, nós participamos na ressurreição do Senhor pelo Espírito Santo que actua nos sacramentos do Corpo de Cristo. A transfiguração dá-nos um antegozo da vinda gloriosa de Cristo, «que transfigurará o nosso corpo miserável para o conformar com o seu corpo glorioso» (Fl 3, 21). Mas lembra-nos também que

¹ Cf. Mt 16, 22-23.

² Cf. Mt 17, 23; Lc 9, 45.

³ Cf. Mt 17, 1-8 e par.; 2 Pe 1, 16-18.

⁴ Cf. Lc 24, 27.

⁵ Cf. Is 42, 1.

⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

⁷ *Liturgia bizantina, Kontakion* na Festa da Transfiguração: «*Ménaia tou hólou eniautoú*», v. 6 (Romae 1901) p. 341.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

temos de passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus» (Act. 14, 22):

«Era isso que Pedro ainda não tinha compreendido, quando manifestava o desejo de ficar com Cristo no cimo da montanha⁹. – Isso, Ele to reservou, Pedro, para depois da morte. Mas agora, Ele próprio te diz: Desce para sofrer na Terra, para servir na Terra, para ser desprezado e crucificado na Terra. A Vida desce para se fazer matar; o Pão desce para passar fome; o Caminho desce para se cansar de andar; a Fonte desce para ter sede; – e tu recusas-te a sofrer?»¹⁰.

568 *A transfiguração de Cristo tem por fim fortalecer a fé dos Apóstolos em vista da paixão: a subida à «alta montanha» prepara a subida ao Calvário. Cristo, cabeça da Igreja, manifesta o que o seu Corpo contém e irradia nos sacramentos: «a esperança da Glória» (Cl 1, 27)¹¹.*

CIC 59, 145-146, 2570-2571: a obediência de Abraão

59 Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (Gn 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (Gn 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (Gn 12, 3)¹².

145 A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8)¹³. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida¹⁴. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único¹⁵.

146 Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (Heb 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4, 3)¹⁶. «Fortalecido» por esta fé (Rm 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4, 11. 18)¹⁷.

2570 Quando Deus o chama, Abraão parte «como o Senhor lhe tinha mandado» (Gn 12, 4). O seu coração está completamente «submetido à Palavra»: ele obedece. A escuta do coração que se decide em conformidade com Deus é essencial à oração; as palavras têm um valor relativo. Mas a oração de Abraão exprime-se, antes de mais, em actos: homem de silêncio, constrói, em cada etapa, um altar ao Senhor. Só mais tarde é que aparece a sua primeira oração por palavras: uma

⁹ Cf. Lc 9, 33.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 78, 6: PL 38, 492-493.

¹¹ Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 51, 3: CCL 138A, 298-299 (PL 54, 310).

¹² Cf. Gl 3, 8.

¹³ Cf. Gn 12, 1-4.

¹⁴ Cf. Gn 23, 4.

¹⁵ Cf. Heb 11, 17.

¹⁶ Cf. Gn 15, 6.

¹⁷ Cf. Gn 15, 5.

queira velada que lembra a Deus as suas promessas que não parecem cumprir-se¹⁸. Assim nos aparece, desde o princípio, um dos aspectos do drama da oração: a prova da fé na fidelidade de Deus.

2571 Tendo acreditado em Deus¹⁹, caminhando na sua presença e em aliança com Ele²⁰, o patriarca está pronto para acolher na sua tenda o Hóspede misterioso: é a admirável hospitalidade de Mambré, prelúdio da Anunciação do verdadeiro Filho da promessa²¹. Desde então, tendo-lhe Deus confiado o seu desígnio, o coração de Abraão fica em sintonia com a compaixão do seu Senhor pelos homens e ousa interceder por eles com uma confiança audaciosa²².

CIC 1000: a fé abre-nos o caminho para compreender o mistério da Ressurreição

1000 Este «como» ultrapassa a nossa imaginação e o nosso entendimento; só na fé se torna acessível. Mas a nossa participação na Eucaristia dá-nos já um antegoço da transfiguração do nosso corpo, operada por Cristo:

«Assim como, depois de ter recebido a invocação de Deus, o pão que vem da terra deixa de ser pão ordinário e é Eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, do mesmo modo os nossos corpos, que participam na Eucaristia, já não são corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição»²³.

CIC 645, 999-1001: a Ressurreição do corpo

645 Jesus Ressuscitado estabeleceu com os seus discípulos relações directas, através do contacto físico²⁴ e da participação na refeição²⁵. Desse modo, convida-os a reconhecer que não é um espírito²⁶, e sobretudo a verificar que o corpo ressuscitado, com o qual se lhes apresenta, é o mesmo que foi torturado e crucificado, pois traz ainda os vestígios da paixão²⁷. No entanto, este corpo autêntico e real possui, ao mesmo tempo, as propriedades novas dum corpo glorioso: não está situado no espaço e no tempo, mas pode, livremente, tornar-se presente onde e quando quer²⁸, porque a sua humanidade já não pode ser retida sobre a terra e já pertence exclusivamente ao domínio divino do Pai²⁹. Também por este motivo, Jesus Ressuscitado é soberanamente livre de aparecer como quer: sob a aparência dum jardineiro³⁰ ou «com um aspecto diferente» (*Mc* 16, 12) daquele que era familiar aos discípulos; e isso, precisamente, para lhes despertar a fé³¹.

¹⁸ Cf. *Gn* 15, 2-3.

¹⁹ Cf. *Gn* 15, 6.

²⁰ Cf. *Gn* 17, 1-2.

²¹ Cf. *Gn* 18, 1-15; *Lc* 1, 26-38.

²² Cf. *Gn* 18, 16-33.

²³ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 4, 18, 5: SC 100, 610-612 (PG 7, 1028-1029).

²⁴ Cf. *Lc* 24, 39; *Jo* 20, 27.

²⁵ Cf. *Lc* 24, 30.41-43; *Jo* 21, 9.13-15.

²⁶ Cf. *Lc* 24, 39.

²⁷ Cf. *Lc* 24, 40; *Jo* 20, 20.27.

²⁸ Cf. *Mt* 28, 9.16-17; *Lc* 24, 15.36; *Jo* 20, 14.19.26; 21, 4.

²⁹ Cf. *Jo* 20, 17.

³⁰ Cf. *Jo* 20, 14-15.

³¹ Cf. *Jo* 20, 14.16; 21, 4.7.

999 *Como?* Cristo ressuscitou com o seu próprio corpo: «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo» (Lc 24, 39); mas não regressou a uma vida terrena. De igual modo, n'Ele «todos ressuscitarão com o seu próprio corpo, com o corpo que agora têm»³², mas esse corpo será «transformado em corpo glorioso»³³, em «corpo espiritual» (1 Cor 15, 44):

«Alguém poderia perguntar: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo voltam eles?” Insensato! O que tu semeias não volta à vida sem morrer. E o que semeias não é o corpo que há-de vir, é um simples grão [...]. O que é semeado sujeito à corrupção ressuscita incorruptível; [...] os mortos ressuscitarão incorruptíveis [...]. É, de facto, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, que este ser mortal se revista de imortalidade» (1 Cor 15, 35-37.42.52-53).

1000 Este «como» ultrapassa a nossa imaginação e o nosso entendimento; só na fé se torna acessível. Mas a nossa participação na Eucaristia dá-nos já um antegoço da transfiguração do nosso corpo, operada por Cristo:

«Assim como, depois de ter recebido a invocação de Deus, o pão que vem da terra deixa de ser pão ordinário e é Eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, do mesmo modo os nossos corpos, que participam na Eucaristia, já não são corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição»³⁴.

1001 *Quando?* Definitivamente «no último dia» (Jo 6, 39-40.44.54; 11, 24), «no fim do mundo»³⁵. Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (1 Ts 4, 16).

³² IV CONCÍLIO DE LATRÃO, c. 1, *De fide catholica*: DS 801.

³³ Cf. Fl 3, 21.

³⁴ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 4, 18, 5: SC 100, 610-612 (PG 7, 1028-1029).

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.